

Finalmente diz o Mestre que “não basta dizer Senhor, Senhor”, é preciso fazer a **vontade de Deus**. O que significa, como já havíamos dito em outras ocasiões, que é preciso “amar ao próximo como a nós mesmos”, pois que esta é a lei maior.

Aqueles que se apegam à letra, às exterioridades, esquecendo-se do Espírito, dos frutos, poderão ouvir claramente o que o Mestre lhe diz: “nunca te conheci”, porque não é esse o caminho que leva a Ele.

Porém, **os atos praticados em benefício do próximo, mas que não são movidos pelo amor, pouco valor apresentam.**

7. EDIFICAR A CASA SOBRE ROCHA

“Todo aquele pois, que ouve estas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha.

E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra a casa, e esta não caiu, porque foi edificada sobre a rocha.

E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre areia.

E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra a casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína”. (Mateus, 7:24-27)

Novamente volta o Mestre a dizer que não basta apenas ouvir as suas palavras, porque seria construir sobre areia. É preciso praticar os ensinamentos de maneira a dar sólidos alicerces ao edifício moral que vamos construir.

É preciso notar que Jesus não prometeu uma vida sem tormentos se praticássemos os seus ensinamentos, mas apenas que teríamos forças suficientes para superá-los com serenidade.

Os Espíritos instrutores durante dezenas de anos repetiram a necessidade do estudo e do conhecimento da doutrina. Hoje nós podemos afirmar que **nosso maior obstáculo para a redenção da humanidade é a falta de prática cristã: falta do exercício da caridade.**

O que sabemos já é o suficiente. É hora de praticarmos os ensinamentos, de aperfeiçoá-los no contato com a realidade. Porque, do contrário, agiremos como o homem que construiu a sua casa sobre a areia das ideias humanas, dos pontos de vista, das opiniões pessoais, das teorias, esquecendo-se da **essência dos ensinamentos recebidos, que é a prática da moral cristã.**

8. JESUS ENSINAVA COM AUTORIDADE

“Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;

Porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas”. (Mateus, 7:28)

O povo maravilhou-se com os ensinamentos do Mestre porque nunca alguém lhe falara daquela maneira.

Os escribas, sacerdotes e rabinos estavam somente preocupados em manter o controle religioso sobre a população, explorando-a em todos os sentidos, principalmente no aspecto financeiro através dos impostos, doações, dízimos etc. Somente se dirigiam aos pobres para lembrá-los dos rituais, dos cerimoniais, dos sacrifícios e oferendas a que estavam obrigados pela rigorosa regulamentação religiosa da época. E os sofredores do corpo e do espírito estavam desamparados, sentiam-se perdidos sem a assistência moral e material que tanto necessitavam.

Quando Jesus lhes falou com a autoridade de governador espiritual do planeta, sentiram-se banhados pela sua grandiosa aura de Espírito divinizado que envolve toda a humanidade, reconhecendo nele, intimamente, como Espíritos eternos que somos, o Caminho, a Verdade e a Vida. O Caminho que nos leva à Fonte inesgotável de Todo o Amor; a Verdade que nos esclarece e nos liberta das nossas imperfeições, e a Vida feliz na eternidade do Seu Reino.

15.

A FUNDAÇÃO DA IGREJA CRISTÃ

1. ESCLARECIMENTOS

O tema desta aula não está muito claramente exposto no “Atos dos Apóstolos”, encontrando-se, todavia, contido em notas esparsas daquele

livro do Novo Testamento e em outras obras igualmente merecedoras de serem lidas.

Procuramos abordar, na medida do possível, todos os aspectos do tema

de maneira sucinta: o aspecto social, o político, e o religioso que mais diretamente nos interessa.

Embora pareça estar desligada do contexto do “Atos dos Após-



tolos”, esta aula nos proporcionará uma visão antecipada e, portanto, orientadora do desenvolvimento da igreja cristã, permitindo um entendimento maior dos fatos.

2. SIMÃO, A “PEDRA”

A afirmativa do Mestre narrada por Mateus em 16:13-20, dá-nos a ideia de que Simão Bar Jonas pode ser considerado o primeiro representante da nova doutrina.

“Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja...”

Simão sempre fora destacado pelo Mestre dentre os seus discípulos, pela sua coragem, determinação, força e principalmente pela sua fé pura e simples, que o tornava um bom depositário dos ensinamentos valiosos que necessitavam ser cultivados e distribuídos posteriormente.

As negativas do pescador quando interpelado, por ocasião da prisão do seu rabi e as palavras deste após a revolta de Simão contra a profecia da crucificação: “Arreda-te Satanás! tu és para mim pedra de tropeço”, (Mateus, 16:23) revelam que ele era humano e falível como qualquer outro, mas que aprendia com suas derrotas, porque dali por diante nunca mais vacilou nos momentos mais difíceis do seu testemunho.

Durante a última aparição de Jesus após a sua crucificação, novamente vem ele depositar em Pedro a sua confiança dizendo: “Simão Bar Jonas, pastoreia as minhas ovelhas”.

O primeiro núcleo de seguidores do Nazareno fundou-se em Jerusalém, tendo como líder Pedro, cujas palavras já eram, na época, ouvidas por todos e aceitas como verdadeiras.

Após o sucesso de Felipe nas suas prédicas aos samaritanos, Simão, João e muitos outros após iniciaram a expansão da nova doutrina, levando-a para fora do judaísmo.

3. O APÓSTOLO DOS GENTIOS

Esta expansão das novas ideias permaneceu como tímida tentativa até o aparecimento do convertido Paulo de Tarso. Foi graças a esse batalhador incansável, que quase todo o mundo conhecido da época pôde tomar contato com a doutrina do Messias.

Paulo lançou também as bases da teologia cristã através das suas epístolas, primeira tentativa de in-

terpretação e aplicação prática dos ensinamentos cristãos. A imensa fraternidade constituída pelos seguidores de Jesus mantinha-se fiel aos mandamentos da moral cristã, aprendidos através das prédicas e dos escritos dos apóstolos.

Na Ásia Menor, África, Grécia, Gálias e até mesmo em Roma podia-se encontrar grande quantidade de cristãos.

Embora a princípio parecessem não interferir com o poderio dos reis e dos grandes da época, as ideias de libertação, igualdade e fraternidade, começaram a causar preocupação.



Época houve e muito longa, dentro e fora da Palestina em que os cristãos foram proscritos e perseguidos implacavelmente, ocorrendo enormes massacres de inocentes cujo único “erro” era a fé inabalável no Cristo Jesus. No ano 64 Paulo foi sacrificado juntamente com Pedro, na cidade de Roma.

4. CRISTIANISMO OU PAGANISMO

Com o tempo, o idealismo dos antigos cristãos deu lugar ao interesse e à mesquinha. O sentido das medidas tomadas pelos primeiros apóstolos

foi paulatinamente sendo distorcido. O importante cargo de diácono instituído por Pedro, transformou-se num valioso meio de se alcançar prestígio a ser utilizado para fins nem sempre muito cristãos. A rivalidade crescia entre os bispos das diferentes regiões, os quais despendiam preciosas horas em discussões estéreis sobre pontos de vistas particulares, totalmente afastados das necessidades da comunidade.

O rito semanal que, para os judeus, era realizado no sábado, passou ao domingo no século II. **No fim desse século ainda era permitida a “profetização”, principalmente para as mulheres, porém em pouco**

tempo tal prática foi abolida por “produzir confusão” no Espírito dos adeptos.

Foi nessa época que as cerimônias adquiriram as características muito próximas das atuais “missas católicas”.

A trindade egípcia — Osiris, Isis e Hórus — passou ao catolicismo como a Santíssima Trindade; são também egípcias a adoração da Mãe e do Filho e as ideias sobre o Juízo Final: da Frígia, da Síria, da Trácia vieram outras tantas concepções que foram

mais ou menos rapidamente incorporadas ao ritualismo católico. Era tão grande a semelhança da missa com o ritual de Mitras que os padres acusavam o diabo de forjar as semelhanças para confundir os homens devotos.

Os gregos e inclusive os próprios judeus também contribuíram, transformando a cerimônia simples e humilde dos primitivos cristãos no rosário de orações, salmos, antifonas, sacrifícios e hinos da "missa".

5. ORGANIZAÇÃO: HERANÇA ROMANA

A literatura cristã do século II era tão abundante que cada bispo podia dar-se ao luxo de ter preferência e dar interpretações particulares sobre diversos pontos básicos da doutrina.

Começaram então, com certa frequência, a se reunir os bispos, padres e diáconos, constituindo os conselhos eclesiásticos ou sínodos. No século IV estes encontros passaram a ser exclusivos dos bispos, os quais, ao final neste século, foram reconhecidos como os árbitros finais da fé cristã.

Após o declínio de Jerusalém como sede do cristianismo, com o desaparecimento dos apóstolos, surgiu um problema de difícil solução que era a determinação da igreja sucessora da sede-mater.

Os primeiros "papas" (como eram conhecidos todos os bispos cristãos)

de Roma eram muito pouco respeitados pelos seus padres, que os desafiavam ostensivamente.

A sé romana foi gradativamente aumentando seu poder pelas riquezas materiais que começava a acumular, além da sua crescente autoridade quanto às questões das heresias e da fixação canônica das Escrituras.

Os primeiros passos para o entendimento entre os bispos no sentido da unificação das posições religiosas foram: o primeiro congresso ecumênico, ou seja, universal, da igreja, convocado em 325 por Constantino, o primeiro Imperador romano cristão; a oficialização do cristianismo por Teodósio em 381 e finalmente, em 607, por Bonifácio III, a criação do Papado.

Assim como diversos povos e suas religiões não cristãs haviam, cada um a seu tempo, contribuído com diversas particularidades do culto cristão, também Roma participou do processo fornecendo uma das mais importantes características da Igreja: uma vasta e aperfeiçoada estrutura de governo.

6. CONCLUSÕES

A pureza do cristianismo primitivo pôde resistir enquanto a coragem e a fé dos seguidores diretos do Mestre estavam presentes, e enquanto a perseguição implacá-

vel dos poderosos selecionava os adeptos dentre aqueles que possuíam as qualidades mais puras dos primeiros discípulos.

Logo que a palavra "cristão" perdeu as profundas implicações morais que possuía de início, também aquela grande fraternidade fragmentou-se em pequenos grupos os quais nem sempre estavam em harmonia de opiniões e ações.

Já no século II, sabe-se que a moral entre os cristãos não era tão cultivada. Um panfleto anônimo da época, assinado por "O Pastor de Hermas", acusava o reaparecimento entre os cristãos "da avareza, da desonestidade, da bebedeira e do adultério".

Logo aquela forma simples e objetiva do culto cristão primitivo foi assimilando as irracionais práticas das muitas religiões que tocavam mais grosseiramente os sentidos e que praticamente nada possuíam para o Espírito. Permaneciam ainda ligados uns aos outros, aqueles grupos, agora não mais fraternos, mas, sim, solidários em torno do objetivo de exercerem poder e domínio sobre a grande massa de simples e ignorantes que constituía a nossa humanidade da época.

Naquela época, como hoje, só há dois caminhos: ao nos distanciarmos de Jesus, nos aproximamos da matéria e das imperfeições humanas.

16. ASCENSÃO As Primeiras Dificuldades da Nova Congregação

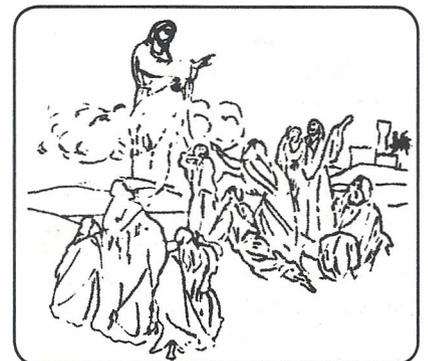
1. EXPLICAÇÕES

Foi o evangelista Lucas, médico e discípulo de Paulo, quem escreveu "Atos dos Apóstolos", parte do Novo Testamento que contém resumidamente os seguintes assuntos:

1. Histórico da fundação dos primitivos núcleos de trabalhadores cristãos.

2. Descrição das atividades dos primeiros apóstolos do cristianismo.

3. Expansão da nova doutrina além das fronteiras judaicas.



Trata, enfim, dos acontecimentos compreendidos entre a ascensão de Jesus e a chegada de Paulo a Roma, por volta do ano 63.

Lucas, como sabemos, não conheceu o Mestre encarnado. Suas descrições foram baseadas nas cuidadosas

pesquisas que realizou com o apoio de Paulo, junto àqueles que conviveram com Jesus.

Inúmeras lacunas deram ao livro um aspecto de colagem literária, o qual se acentuou graças às traduções sofridas do grego para o latim e deste para o português.

As obras, todas merecedoras de atenção, que tentam dar uma sequência lógica à narrativa, diluindo as lacunas, são inúmeras. Obras espíritas se contam às dezenas, não-espíritas às centenas; umas realistas outras romaneadas, técnicas, místicas, eruditas. Somente sobre Paulo, as descrições variam quase ao infinito, desde aquelas que o elevam à condição de santo, até outras que o consideram um simples judeu sonhador, caolho e epilético.

Daremos atenção a todas as versões, porém basearemos todo nosso trabalho no ponto de vista de Emmanuel, que nos parece imensamente mais equilibrado e harmonioso. E é graças a isso que a sua obra nos transporta de volta ao tempo da velha Israel envolvendo-nos em vibrações desconhecidas que nos arrebatam durante dias e dias, afastando-nos das mesquinhas deste plano.

2. ASCENSÃO

Após o sepultamento do corpo de Jesus no túmulo pertencente a José de Arimateia, o fariseu, com ajuda do próprio Nicodemos, importante doutor da lei, o Mestre ressurgiu várias vezes às mulheres, aos discípulos e seguidores.

Jesus aparece a Tomé, aos discípulos que iam a Emaús, e provoca a pesca milagrosa às margens do lago da Galiléia.

A narrativa de Lucas ao seu amigo Teófilo, inicia com a ingênua pergunta dos apóstolos: "Senhor, é agora porventura, que restabeleces o reino a Israel? Tal dúvida espelha a enorme falta de compreensão dos verdadeiros objetivos da missão terrena do Mestre. Falavam muito alto ainda dentro dos discípulos, as tradições judaicas que alimentavam o orgulho de raça, difícil de ser esquecido.

A resposta do Mestre é um convite ao trabalho: "Sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda Judeia e Samaria, até as extremidades da Terra." E tendo dito isto, elevou-se às alturas.

É facilmente notável que durante esses 40 dias de sua permanência entre os apóstolos, o Mestre transmitiu-lhes ensinamentos básicos que os transformaram profundamente. Isso a ponto de fazer de Pedro, o mesmo que agrediu a Malco e negou três vezes o Mestre, o extraordinário apóstolo do Pentecostes, que após ter convertido três mil pessoas ao cristianismo, desafiou serena e firmemente o ódio do poderoso Sumo Sacerdote Chanan.

Profundos ensinamentos sobre os fenômenos mediúnicos deve o Mestre ter transmitido. Os apóstolos, e principalmente Pedro, poucas demonstrações deram das suas faculdades mediúnicas até aquela época, mas a

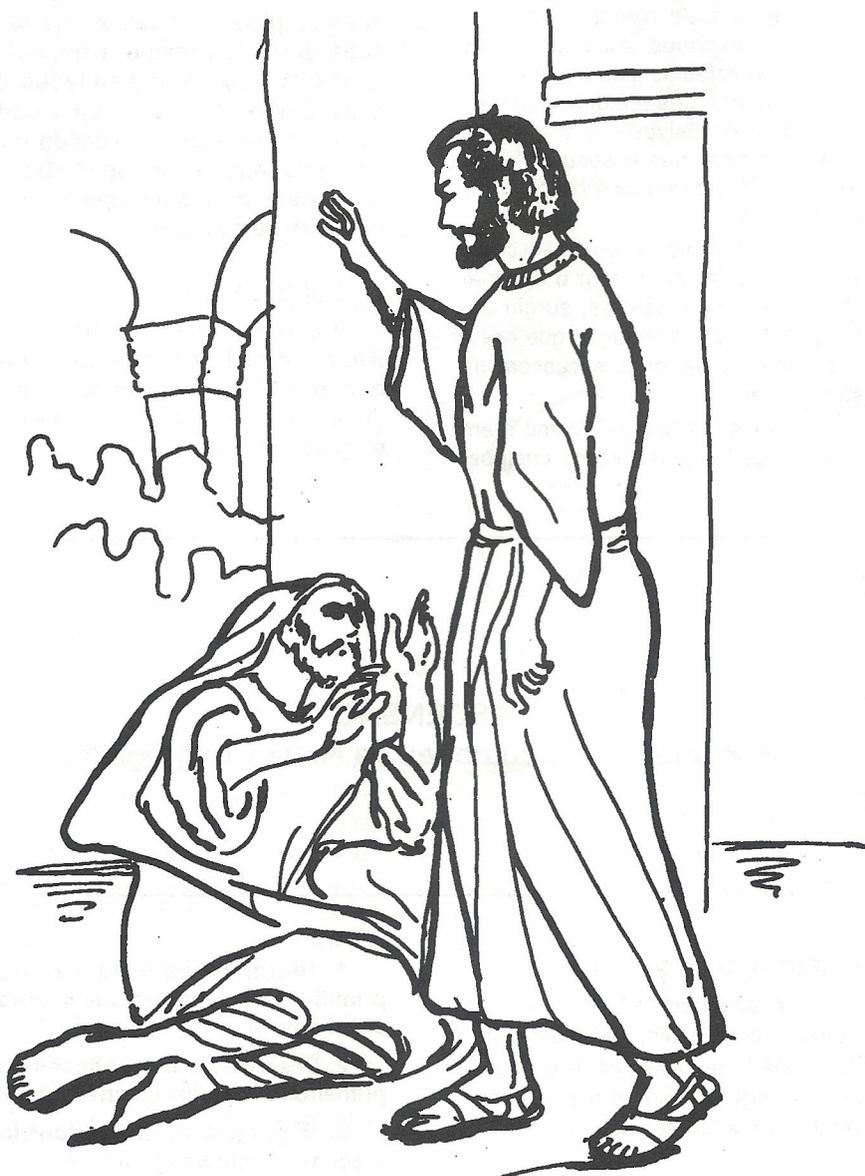
partir daí, as curas, as incorporações, as vidências, clarividências, os fenômenos notáveis de xenoglossia se multiplicaram maravilhosamente, não passando um dia que não ocorressem na vida daqueles trabalhadores.

Principalmente a mediunidade de cura desenvolveu-se de maneira tão grande que atraía multidões de necessitados em busca dos benefícios.

3. A SUBSTITUIÇÃO DE JUDAS

Prepararam-se então os discípulos para o início das atividades, escolhendo alguém dentre eles para completar o quadro dos 12, preenchendo a vaga deixada por Judas.

Naqueles dias, já a congregação compunha-se de grande número de



adeptos. Dentre eles havia homens ricos e importantes que davam todos seus bens à comunidade, passando a viver simples e honestamente trabalhando em favor dos necessitados.

Um desses homens chamava-se José Bar Sabás o qual juntamente com Matias, outro discípulo, eram os mais adequados ao preenchimento da vaga, no quadro dos apóstolos, porque conheceram o Mestre desde o seu batismo por João até a sua ascensão. E desde que ambos tinham idênticas condições, realizou-se uma escolha "ao acaso", através de um sorteio, tendo a "sorte" caído em Matias.

4. INÍCIO DAS ATIVIDADES

Naqueles dias, Jerusalém regurgitava de estrangeiros, lavradores, mendigos, tipos estranhos de toda sorte.

Eram transcorridas sete semanas após a Páscoa, e os agricultores de todas as classes sociais abarrotavam as ruas levando aos ombros cestas repletas de frutas, hortaliças e cereais para ofertarem ao Templo. **Era a festa das primícias, onde os primeiros frutos da temporada eram oferecidos para que a colheita fosse bem sucedida naquele ano.**

Noutro dia comemorar-se-ia também o Pentecostes, 50 dias após a Páscoa, em memória da saída dos judeus das terras do Egito e recebimento das Tábuas da Lei.

Mas, para alguns galileus, homens rudes, pescadores, que conversavam no Templo acerca do Messias de Nazaré, este era um dia de expectativa. Sete semanas se passaram depois da crucificação, e seis dias após a ascensão. Os acontecimentos previstos pelo Rabi, estavam prestes a acontecer conforme pressentiam, através da sensibilidade que crescia dentro de cada um, assustadoramente naqueles últimos dias.

Dentre os galileus, um havia que se destacava; não pelo porte avantajado e rude, mas, sim, pelas histórias que contava num dialeto estranho e quase incompreensível para a maioria, mistura de aramaico e hebreu.

Dizia o galileu que o carpinteiro de Nazaré crucificado a mando de Herodes, era nada mais nada menos do que o Messias prometido à Israel, que após a sua morte ressurgira dentre os mortos permanecendo com os seus discípulos, e que após 40 dias subira aos céus levado por anjos de Deus.

Alguns forasteiros que passavam, comentaram:

— "Estão bêbados esses homens.

Ouvindo tais comentários, o que parecia o chefe deles, chamado Simão bar Jonas, proferiu importante discurso. E todos se maravilharam porque cada estrangeiro ouvia as palavras na sua própria língua. Disse o galileu: Esses homens não estão embriagados, cumprem-se hoje as profecias de Joel: Vossos filhos profetizarão, terão visões e sonhos". **Tal foi a inspiração que envolveu o apóstolo naquela manhã, que quase três mil pessoas quiseram ser batizadas na nova crença.** As responsabilidades aumentavam.

5. PRIMEIRAS CURAS

As notícias correram rapidamente. Os galileus, e principalmente o grandalhão Pedro, possuíam poderes estranhos recebidos do Rabi crucificado.

Um dia, adentravam Simão e Jochanan ao Templo, quando se destaca da multidão um homem a se arrastar de joelhos pedindo-lhes uma esmola. Neste instante Simão se transfigura dizendo:

— "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda".

E diante dos olhos assustados do aleijado e do silêncio da multidão próxima, o galileu estende a mão, amparando o estropeado que se ergue e anda.

Saindo o ex-aleijado a apregoar a graça recebida, maior multidão ocorreu ao local para ouvir o pescador que dizia:

— "A fé em Jesus foi a salvação desse homem. Vós, que crucificastes o Mestre, arrependei-vos e convertei-vos para que se apaguem os vossos pecados".

Juntamente com a grande multidão, os guardas do Templo acorreram. E, apesar dos protestos da maioria presente, os dois apóstolos foram presos e enviados ao cárcere.

6. A PRISÃO: PRIMEIROS TESTEMUNHOS

Naquela noite, na prisão, Simão e Jochanan prepararam-se espiritualmente para suportarem as atribulações que viriam.

Pela manhã, as notícias chegaram aos ouvidos de Chanan, ex-Sumo Sacerdote, e do Sumo Sacerdote em exercício que quiseram vê-los.

Esperavam os príncipes dos sacerdotes que os galileus se amedrontassem diante deles, assim como abandonaram o seu Rabi no dia da crucificação.

Mas os apóstolos haviam amadurecido pela dor, pela vergonha e pelas perseguições que já se iniciavam. Diante dos sacerdotes, se comportaram com grande confiança, testemunhando o seu amor pelo Rabi de Nazaré e afirmando que continuariam trabalhando pela divulgação da nova doutrina.

Simão recordou-se que negara ao Mestre em três oportunidades, e não desejava voltar a sentir os remorsos que sentira.

Diante da sua própria impotência, o sumo sacerdote resolveu libertá-los, ordenando porém que não mais repetissem o nome do Messias e dos seus "milagres". Ele ainda desconhecia a força e a coragem daqueles pescadores de almas.